

Cândido de Voltaire e o “melhor dos mundos possível”

Andreia Donadon Leal²

Resumo: As ideias do Iluminismo conquistaram numerosos seguidores, entre eles o filósofo francês Voltaire. Para analisarmos a obra ficcional “Cândido” de Voltaire, é necessário, compreender o mundo filosófico voltairiano e suas críticas acirradas e debochadas ao otimismo leibniziano, que garante ser este o “melhor dos mundos possíveis”; para adentrarmos e compreendermos o mundo de Cândido.

Palavras-chave: Literatura e Filosofia; Voltaire; Cândido.

Abstract: *The ideas of the Enlightenment gained numerous followers, including the French philosopher Voltaire. To analyze the fictional work "Candide" by Voltaire, it is necessary to understand the philosopher's world of author and his bitter and mocking the Leibnizian optimism, which ensures that this is the "best of all possible worlds". So we can penetrate and understand the world of Candide.*

Keywords: *Literature and Philosophy, Voltaire, Candide.*

² Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa.



Às vezes Pangloss dizia a Cândido: “todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um belo castelo a grandes pontapés no traseiro, por causa do amor da senhorinha Cunegundes, se não tivesses ido parar em mãos da inquisição; se não fosse apanhado pela Inquisição, se não tivesses percorrido a América a pé; se não tivesses assestado uma boa espadada no Barão; se não tivesses dado uma boa espadada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros do bom país de Eldorado, não estarias comendo aqui cidras em calda e pistaches”.
(VOLTAIRE, 1988, p. 163)

Existe relação entre Literatura e Filosofia? Na literatura cabem relações com qualquer universo discursivo. Literatura é do universo textual, enquanto filosofia é do universo discursivo. Dessa forma, filosofia acha-se imbricada na literatura. A literatura oferece gêneros textuais para a recriação da história social, ou de eventos da história, através de discursos científicos, jurídicos, políticos, filosóficos, religiosos, burocráticos e outros de todas as épocas, mas sem compromisso da comprovação contundente dos fatos. A reflexão acerca de conceitos sociais cabe em qualquer gênero literário.

Segundo Matos (2001), os traços mais fascinantes do pensamento do século XVIII é, sem dúvida, a inexistência de fronteiras precisas entre filosofia e literatura e, conseqüentemente, a multiplicidade de gêneros praticada pelos filósofos. Nessa época, os pensadores utilizavam-se do gênero literário, destacando o romance e o conto para expressarem suas reflexões filosóficas. Tinham eles clareza de que a filosofia é do universo discursivo, para o qual não há necessidade de prisão a um gênero textual. Transitavam pelos gêneros textuais que melhor se adequassem aos propósitos da reflexão desenvolvida.

Voltaire é exemplo de filósofo que se serve de variados gêneros textuais em suas composições filosóficas. No século das Luzes, nos domínios da literatura e do teatro, tocou nos temas pertinentes da filosofia da época, a saber: a questão do mal físico e do mal moral, a Providência, a concepção de natureza humana, a crítica política e da religião e a defesa da Tolerância.



O século XVIII ficou conhecido como Iluminismo. O signo “Iluminismo” advém da palavra alemã *Aufklärung*, que significa iluminação, esclarecimento e aclaração, ou seja, existência de tensão entre luz e treva, esclarecimento e ignorância. O pensador iluminista preocupa-se com a ampliação do saber, no poder da razão humana, luz pela qual o homem compreende a si mesmo, para emancipar e ordenar o mundo em que vive. Segundo Foucault:

(...) seria sem dúvida um dos eixos interessantes para o estudo do século XVIII em geral, e mais particularmente da *aufklärung* [ilustração], questionar o seguinte fato: a *aufklärung* chamou a ela mesma *aufklärung*; ela é um processo cultural sem dúvida muito singular que tomou consciência dele próprio, denominando-se, situando-se com relação ao seu passado e a seu futuro, e designando as operações que ele deve efetuar no interior de seu próprio presente. (...) (Foucault, 1984, p. 105-106).

O iluminismo representou o ápice das transformações culturais iniciadas no século XIV pelo movimento renascentista. O Iluminismo procurava explicação através da razão para todas as coisas, rejeitando a submissão cega à autoridade e a crença na visão medieval teocêntrica. Para os iluministas só através da razão que o homem poderia alcançar o conhecimento, a convivência parcimoniosa em sociedade, a felicidade e a liberdade.

As ideias do Iluminismo conquistaram numerosos seguidores, entre eles o filósofo francês Voltaire. Para analisarmos a obra ficcional “*Cândido*” de Voltaire, é necessário, compreender o mundo filosófico voltairiano e suas críticas acirradas e debochadas ao otimismo leibniziano, que garante ser este o “*melhor dos mundos possíveis*”; para adentrarmos e compreendermos o mundo de *Cândido*.

Leibniz acreditava que o melhor dos mundos deve apresentar uma maior diversidade e assim possuir o maior número possível de indivíduos. Daí ele não aceitar a existência do vácuo, pois no Universo “quanto mais matéria existir, mais Deus terá ocasião de exercer sua sabedoria e seu poder” (LEIBNIZ, 1988a, p.238).

Voltaire era avesso à ideia defendida por Leibniz, de que este é o melhor dos mundos possíveis construído por Deus e que tudo “*estava bem*”.

O primeiro capítulo da obra *Cândido* traz, na voz do personagem construído por Voltaire (de maneira debochada), no ingênuo filósofo Pangloss (oráculo da casa), que defende o otimismo filosófico de “*melhor dos mundos possíveis*”, repassando essa



forma de pensamento leibniziano, a todos os moradores que vivem no castelo de um barão em Vestefália:

Pangloss ensinava a metafísico-teólogo-cosmolonigologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos e a senhora baronesa, a melhor das baronesas possíveis.

Está demonstrado, afirmava ele, que as coisas não podem ser diferentes; pois, tudo sendo feito para um fim, tudo é necessariamente para o melhor fim. Observai que os narizes foram feitos para sustentar óculos; por isso temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para serem calçadas, e nós temos calças. As pedras foram formadas para serem talhadas e para com elas se construírem castelos; por isso monsenhor tem um belíssimo castelo; o mais importante barão da província deve ser o mais bem alojado; e como os porcos foram feitos para serem comidos, comemos porco o ano inteiro. Por conseguinte, aqueles que afiançaram que tudo está bem disseram uma tolice: deviam dizer que tudo está o melhor possível. (VOLTAIRE, 1998. p.4-5)

Cândido, personagem central na ficção voltairiana, é jovem inocente que vive, também, no castelo do barão e crê piamente nos ensinamentos do filósofo Pangloss, de que o castelo é o melhor lugar para se viver:

Cândido ouvia atentamente, e acreditava inocentemente; pois achava a senhorita Cunegundes extremamente bela, embora jamais tivesse a ousadia de lho dizer. Concluía que, depois da felicidade de nascer barão de Thunder-tem-tronckh, o segundo grau de felicidade era ser a senhorita Cunegundes; o terceiro, vê-la todos os dias; e o quarto, ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província, e por conseguinte de toda a Terra. (VOLTAIRE, 1988, p.5)

Cândido conhece o “mundo” apenas sob os ensinamentos e sob os olhos otimistas de Pangloss, ou seja, somente o “*mundo em que vive*”, faltando-lhe experiência, vivência e conhecimento sobre o mundo externo. Após ser expulso do castelo em que morava, ao ser flagrado pelo barão beijando Cunegundes, o personagem começa a aprender por conta própria, que o mundo e as pessoas que o cercam podem ser hostis. Cândido é apartado, brutalmente, do “*mundo do conto de fadas*” ou “*do paraíso de melhor dos mundos possível*”. Sua primeira experiência com o

mundo externo, é extremamente cruel ao ser preso e torturado por soldados búlgaros:

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou muito tempo sem saber para onde, chorando, erguendo os olhos ao céu, voltando-os repetidamente para o mais belo dos castelos (...). Dois homens vestidos de azul notaram-no (...) Dirigiram-se para Cândido e convidaram-no cortesmente para jantar (...) – Ah!, meu senhor, sente-se à mesa; não só lhe pagaremos a despesa, como nunca permitiremos a um homem como o senhor falte dinheiro ; os homens são feitos apenas para socorrerem uns aos outros. – Têm razão, disse Cândido, foi isso que o senhor Pangloss sempre me disse, e vejo realmente que tudo está o melhor possível. Pedem-lhe que aceite alguns escudos; ele os recebe e quer passar recibo; não consentem e sentam-se todos à mesa. O senhor não ama ternamente?... – Oh! Sim, respondeu ele, amo ternamente a senhorita Cunegundes. – Não, disse um dos dois, perguntamos se não ama ternamente o rei dos búlgaros. – De modo algum, contestou Cândido, pois nunca o vi. – Como! É o mais encantador dos reis, e devemos erguer-lhe um brinde. – Oh! Com todo prazer, senhores. E ele bebeu. Isso basta, disseram-lhe, o senhor agora é o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; está feita a sua fortuna e assegurada a sua glória. Colocam-lhe imediatamente grilhetas nos pés e levam-no no regimento. Mandam-no volver à direita, à esquerda, carregar a arma, levantar a arma. Apontar, disparar, apertar o passo, e dão-lhe trinta bastonadas (...)

Cândido, estupefato, ainda não entendia muito bem por que era herói. Num lindo dia de primavera, resolver ir passear (...). Não tinha percorrido duas léguas e eis que quatro heróis de seis pés o alcançam, amarram-no, levam-no para uma masmorra. Perguntaram-lhe juridicamente o que preferia: ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento, ou receber de uma só vez doze balas de chumbo nos miolos. (...) teve que fazer uma escolha: decidiu-se, em virtude do dom de Deus a que chamamos liberdade, por passar trinta e seis vezes pelas varas (...) (VOLTAIRE, 1988, p. 7-9)

Voltaire mostra através do personagem Cândido uma visão “desencantada” com a ideia do “*melhor dos mundos possível*”, quando os “olhos” do personagem abrem-se à realidade nua e crua da vida, para ver que tudo não se produz da melhor maneira possível.

Quando os búlgaros entram em guerra com os árabes, o personagem Cândido foge e encontra o anabatista Tiago, que o acolhe em sua casa. Nesse momento, também, encontra Pangloss, que lhe contou que todos, na terra do Barão, foram mortos pelos búlgaros. Tiago, Cândido, Pangloss e marinheiros partem em viagem para Lisboa. O navio naufraga matando todos; menos Cândido, Pangloss e um marinheiro. Em Lisboa, o chão treme, destruindo a cidade; Pangloss é enforcado;



Cândido, açoitado e machucado, é ajudado por uma velha, que trabalha para sua amada Cunegundes.

A série de desgraças, maldade humana, guerras, terremotos, violência, que se abate sobre os personagens, no decurso de suas peregrinações pelo mundo, torna questionável a filosofia otimista de Pangloss. Dessa forma, a ordem da narrativa vai criando uma descrença de Cândido em relação às lições do filósofo, quando o personagem volta seu olhar para os próprios males da vida, rumo ao verdadeiro conhecimento do mundo.

Cunegundes questiona com Cândido, o ensinamento propalado pelo filósofo Pangloss, de que tudo está nas mãos de Deus e que tudo é sempre para o melhor da humanidade:

Quis gritar, dizer: Basta, bárbaros! Mas faltou-me a voz, e meus gritos teriam sido inúteis. Depois que foste açoitado, fiquei pensando: Como é possível que o amável Cândido e o sábio Pangloss se encontrem em Lisboa, um para receber cem açoites e o outro para ser enforcado por ordem de monsenhor inquisidor, de quem sou a bem-amada? Portanto Pangloss enganou-se ao me dizer que tudo vai o melhor possível do mundo. (VOLTAIRE, 1988, p. 31-32)

A fala de Cunegundes contrapõe, perfeitamente, a visão otimista, conformista e ingênua do filósofo Pangloss, de que eles viviam num mundo maravilhoso e que tudo é sempre para o melhor da humanidade. Cunegundes sustenta que o mundo fora do “castelo de um barão em Vestefália”, não é melhor dos mundos possível e pode ser caracterizado pela dureza da sofrível realidade. Ou, mesmo, na fala de Cândido sobre o Eldorado, em que ele contrapõe a afirmativa do filósofo de que “o castelo do barão é o melhor lugar para se viver”, e, até mesmo, a própria versão de Cunegundes, de que o mundo fora de Vestefália pode ser visto, apenas, sob o prisma da dura realidade:

Isto é bem diferente da Vestefália e do castelo do senhor barão; se o nosso amigo Pangloss visse Eldorado, nunca mais diria que o castelo de Thunder-tem-tronckh era o que havia de melhor sobre a Terra; sem dúvida, é preciso viajar. (VOLTAIRE, 1988, p. 82)

Voltaire, ainda, satiriza a hipocrisia da religião, nas vidas pregressas e desregradas de um judeu e um inquisidor que dividem Cunegundes, ou na crueldade



e na imoralidade dos líderes religiosos, que matam Pangloss por exprimir sua opinião, e torturam Cândido, por escutar o filósofo. Na visão de Newton Bignotto:

Sempre que a questão religiosa é abordada, os *quakers* são citados – menos pela admiração por sua doutrina e mais por aquilo que permitem enxergar nos costumes católicos e em sua influência sobre a política. Encontramos em *Cândido* um exemplo dessa persistência. A Igreja é descrita no romance quase sempre de forma irônica. O inquisidor que manda os hereges para a fogueira é o mesmo que divide uma amante com o rico comerciante. As razões para as condenações são sempre fúteis, assim como o são as motivações dos jesuítas. (BIGNOTTO, s/d, p. 73)

Cândido e Cacambo quando chegam às terras do Eldorado, vislumbram um mundo praticamente perfeito, onde não há ganância, crueldade e hipocrisia. No capítulo XVII, Cândido descreve o lugar:

Eis, no entanto, disse Cândido, um país que vale mais do que a Vestefália. Sem dúvida, disse Cacambo, esses meninos que estão jogando conca são os filhos do rei deste país”. Nesse momento apareceu o mestre-escola para os levar de volta à escola. Os moleques largaram imediatamente o jogo, deixando no chão as concas e tudo que lhes servia para brincar. Cândido apanho-as, corre ao preceptor, e apresenta-lhas humildemente, dando-lhe a entender por sinais que suas altezas reais haviam esquecido o seu ouro e as suas pedrarias. O mestre-escola da aldeia, sorrindo, jogou-as ao chão, olhou um momento, muito surpreendido, para o rosto de Cândido, e continuou seu caminho. (VOLTAIRE, 1988, p.75)

É através da descrição singular da cultura de Eldorado, que Cândido se surpreende, ao conversar com o homem mais sábio e comunicativo da corte, sobre a forma do governo, costumes, espetáculos, artes, e, finalmente, religiões. Em Eldorado não havia duas religiões; padres e monges, mas, sim, a religião de todo o mundo, segundo o velho sábio: “... adoramos a Deus de manhã à noite”. (...) não lhe fazemos preces, disse o bom e respeitável sábio, nada temos que lhe pedir, ele nos deu tudo de que precisamos; nós lhe agradecemos sem cessar”... (VOLTAIRE, 1998, p. 81)

Cândido se surpreende mais uma vez, quando o velho explica que em Eldorado todos são sacerdotes, rei e que todos os chefes de família entoam cânticos de ação de graças. Cândido comenta: - Como! Não tendes monges que ensinam, que governam, que cabalam, e que mandam queimar as pessoas que não são de sua opinião? (VOLTAIRE, 1988, p.81-82)



Para Newton Bignotto, “a inexistência de padres naquele que parece ser o paraíso terrestre mostra como Voltaire imaginava uma cidade livre dos constrangimentos de uma religião”... (BIGNOTTO, s/d, p. 73).

Cândido e Cacambo partem de Eldorado, pois para eles é impossível viver nesse “paraíso terrestre”, depois de experimentar o fruto do “conhecimento”. Seguem para Caiena; Cacambo parte para Buenos Aires, enquanto Cândido segue para a Itália, sendo roubado de toda sua riqueza pelo capitão do barco. Cândido encontra Martinho - velho sábio, que viajam juntos e filosofam sobre suas vidas. Martinho defende a tese de que o mundo é uma grande desgraça, impregnado de miséria e de horror.

Cândido pergunta a Martinho sobre o mal moral e o mal físico; Martinho responde que é maniqueísta:

... mas confesso-lhe que, olhando para este globo, ou melhor, para esse glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ente malfazejo; excluindo entretanto Eldorado. Não vi quase nenhuma cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nenhuma família que não quisesse exterminar outra família. Em toda parte os fracos execram os poderosos perante os quais se arrastam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo a Europa de ponta a ponta, exercem a violência e a pilhagem com disciplina para ganhar o pão, porque não têm ofício mais honesto, e nas cidades que parecem desfrutar a paz, e onde florescem as artes, os homens vivem devorados por mais invejas, cuidados e inquietudes do que os flagelos experimentados por uma cidade sitiada. As mágoas secretas são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, tanto eu vi e tanto sofri que sou maniqueísta. – Há, porém, coisas boas, replicava Cândido. – Pode ser, dizia Martinho, mas não as conheço. (VOLTAIRE, 1988, p. 97)

Depois de tantos desastres, Cândido, finalmente reencontra e se casa com Cunegundes, mesmo ela tendo perdido sua beleza. Vive, também, em seu sítio, com os filósofos Martinho e Pangloss, Cacambo e a velha. Após encontrar com um velho turco, que cultivava o seu jardim e produzia sua própria riqueza através do trabalho. Segundo o velho: “o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade” (VOLTAIRE, 1988, p. 161). Cândido explica que o velho conseguiu uma vida preferível à dos seis reis destronados e Pangloss diz que as riquezas “são muito perigosas, conforme o parecer de todos os filósofos”... (VOLTAIRE, 1988, p. 162). Cândido diz que é “preciso cultivar nosso jardim”. – Trabalhem sem



filosofar, disse Martinho. É o único meio de tornar a vida suportável. (VOLTAIRE, 1988, p. 162-163)

Voltaire, talvez, queira mostrar na longa peregrinação realizada por Cândido e seus companheiros, dois mundos existentes: o do otimismo de Pangloss e o do pessimismo de Martinho. O mundo da maldade e da bondade, o da liberdade e da prisão, da guerra e da paz, do amor e do ódio, e que tudo sempre dependeria das ações e do livre arbítrio do homem para escolher... A desgraça e o otimismo fazem parte da ordem natural das coisas, sendo necessário, ao homem, tirar suas próprias conclusões, fazer suas escolhas, seus planejamentos, tornando-se autônomo e livre, para aprender a viver, a realidade da vida, nesse mundo dual.

Referências

BIGNOTTO, Newton. *As Aventuras da Virtude. As ideias republicanas na França do século XVIII*: Companhia das Letras, s/d.

FOUCAULT, Michel. *O Que é o Iluminismo?* In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). *Michel Foucault. Dossier*. Rio de Janeiro, Taurus, 1984.

LEIBNIZ, G. W. *Correspondência com Clarke*. Tradução Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Nova Cultural, 1988a. (Os pensadores).

_____. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. (Os pensadores).

_____. *Os princípios da filosofia ditos a monadologia*. Tradução Marilena de Souza

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cândido*. 1988

Aceito em 21/01/2014.